

Em julho e agosto de 2002, a partir de uma parceria firmada entre a Universidade Católica de Brasília - UCB e a Karibu Cinema, empresa que coordena a Mostra Taguatinga de curta-metragem "O Cinema 16mm", foi realizada dentro das instalações da Universidade Católica, como atividade paralela à Mostra Taguatinga, a Oficina de Imagem Popular. Essa Oficina tinha como objetivo trabalhar com 24 jovens das cidades satélites próximas a Taguatinga e oferecer-lhes a possibilidade de vivenciar a experiência de realizar um produto audiovisual, um filme em formato vídeo digital.

Oficina de imagem popular

*William Alves¹
Noga Ribeiro²*

O presente artigo relata a experiência desenvolvida com jovens da periferia de Brasília, cujo objetivo era utilizar o audiovisual como ferramenta para provocar nesses jovens transformações reais, na articulação do pensamento acerca das necessidades e de imagens cotidianas por eles vividas.

O vídeo e a imagem popular

A necessidade de se registrar em vídeo a história de movimentos sociais e comunitários surgiu no início dos anos 80. Grupos ligados a partidos políticos, ONGs, sindicatos, etc., resolvem utilizar o vídeo como ferramenta do audiovisual para tentar construir sua imagem e viabilizar sua própria informação, nascia então o termo Vídeo Popular.

O movimento do Vídeo Popular tinha por objetivo dar voz àqueles que, excluídos social e politicamente, não tinham acesso aos meios de comunicação. Esses vídeos eram produzidos com a intenção de promover transformações nos indivíduos tornando-os agentes ativos dentro de suas realidades.

Buscando inspiração nesse movimento que aconteceu no início dos anos 80 e acabou se enfraquecendo em meados dos anos 90, desenvolvemos a Oficina de Imagem Popular. Oficina porque nossa proposta era que esse trabalho provocasse transformações reais, na articulação do pensamento acerca das necessidades e de imagens cotidianas. Tínhamos um ideal a ser alcançado que era provocar nos jovens com quem trabalharíamos, uma reflexão mais objetiva diante da proposta de realização de um filme, esses jovens não tinham nenhuma formação técnica nem estética e essa limitação era nosso maior desafio. Imagem Popular porque pretendíamos criar um produto que não fosse apenas utilizado para o lazer, sobretudo na fase inicial, nem que fosse um mero noticiar de fatos e acontecimentos como já o fazem os jornais televisivos. Imagem popular porque se diferenciava do entretenimento e da notícia, era a realidade da periferia mostrada a partir de seus indivíduos, uma forma diferenciada de se mostrar, é o resgate da dignidade e auto-estima.

Sensibilização e formação estética

Trabalhar com jovens de realidades totalmente diferenciadas com o objetivo de lhes fornecer recursos para a organização de um discurso claro e objetivo, a fim de transformar todo o pensamento em imagem era nossa prioridade. Como fazer isso sem cair nos clichês televisivos que povoam nossas vidas? Como criar um discurso independente e claro, sem preconceitos e que promovesse uma reflexão em torno dele mesmo?

Enquanto nossa equipe trabalhava na formatação da Oficina de Imagem Popular, a equipe da Universidade Católica ficou responsável por escolher os jovens que participariam do processo. Por meio do projeto Comu-

¹ Diretor da Karibu Cinema - Coordenador Geral da Oficina de Imagem Popular

² Coordenadora de Projetos da Karibu Cinema - Coordenadora Pedagógica da Oficina de Imagem Popular

nidade Educativa, desenvolvido pela universidade em algumas cidades satélites, a seleção foi efetuada. Pensamos as aulas para um público de 17 a 20 anos, mais ou menos homogêneo em termos de desenvolvimento intelectual. No entanto, nos deparamos com uma turma dividida em três grupos bem diferenciados. O grupo do Riacho Fundo II era composto de jovens com idade a partir de 15 anos, participativos e mais conscientes que o grupo do Areal, composto por adolescentes com idade a partir de 12 anos, mais tímidos e bem mais dispersos, além do grupo de habilidades especiais composto por quatro jovens com idade entre 17 e 18 anos.

Nossa intenção desde o princípio foi direcionar o trabalho, não para pessoas que atuavam junto a movimentos sociais (comunicadores, educadores, etc), mas sim para promover transformações

direção de João Moreira Salles. O filme aborda a questão do sonho e da saga de três meninos, pobres e brasileiros, tornarem-se jogadores de futebol, tema mais do que atual para uma oficina realizada logo após a final da copa do mundo. Resolvemos abrir a Oficina com este filme a fim de aproveitar o carisma e a atualidade televisiva do tema para, por meio de uma identificação positiva, despertar-lhes o interesse pelo documentário e ainda introduzir a questão da diferença entre documentário e reportagem. Selecionamos também trechos de matérias sobre a copa do mundo para reforçar ainda mais a comparação mencionada.



nos indivíduos, incitando-os a se tornarem sujeitos ativos dentro desses movimentos já desenvolvidos em suas comunidades. Daí a importância da parceria com a Universidade Católica de Brasília - UCB. Partindo dessa premissa e buscando inspiração no movimento do Vídeo Popular, optamos por utilizar como linguagem audiovisual o documentário em vez do filme de ficção. Essa opção se deu principalmente pelo fato de o filme de documentário não necessitar de uma equipe tão grande como a do filme de ficção, não necessitaríamos de atores interpretando personagens, não precisaríamos de diretores de arte para construir cenários entre tantos outros profissionais, necessitaríamos apenas de um discurso, algo que problematizasse a responsabilidade individual.

Durante a primeira semana de curso nos dedicamos apenas a assistir a filmes e promover discussões em torno do que se via. No primeiro dia de aula foi exibida a 1ª parte da série futebol, filme produzido para tv, com

Exibimos também o filme “Crianças Abandonadas”, que trata do II Encontro Nacional de Meninos e Meninas de rua ocorrido em Brasília em 1986. No documentário os próprios meninos se filmam, fazem as próprias entrevistas, são atores e personagens, algo um pouco parecido com o que iríamos realizar na Oficina. Sentimos que o filme provocou uma certa comoção, mas provocou também um sentimento de dignidade, já que eram os próprios meninos filmando, reivindicando, lutando por seus direitos. Não chegamos a abrir uma discussão, ouvimos apenas suas impressões assim que o filme terminou. Preferimos concentrar a discussão para depois da exibição do segundo filme, “Profissão doméstica”.

Com o filme “Profissão doméstica” também queríamos provocar uma identificação, sabíamos que vários deles teriam mães ou parentes muito próximos que são ou foram empregadas domésticas. Esse é um filme com um tom diferente do anterior, “Crianças abandonadas”, que já é bem mais discursivo e reivindicativo. “Profissão doméstica” é um filme que privilegia a conversa, o olhar do cotidiano e a construção dos personagens. Nossa intenção era apresentar e contrapor essas duas

possibilidades de fala no documentário, ambas legítimas, o discurso e a conversa.

No terceiro dia introduzimos a questão da forma do documentário. Iniciamos a aula exibindo o filme “Oxente, pois não”, de Joaquim Assis, que retrata uma comunidade do interior de Pernambuco que se organizou para enfrentar a seca em meados de 1970. A construção do filme é muito poética, tanto em sua forma narrativa quanto na força de suas imagens e causou um certo encantamento, todos ficaram muito atentos e empolgados com as possibilidades, eles já estavam pensando como realizadores. Em seguida exibimos “Nelson Cavaquinho”, de Leon Hirszman, um modelo de filme de personagem e, em termos de forma, um filme com belas e significativas composições de quadro e elaborada construção da luz, com uma construção narrativa que se vale tanto da música quanto dos silêncios. Aliás, algo que nos impressionou nessa oficina foi a sensibilidade deles para a percepção dos aspectos da forma. Já numa primeira exibição dos filmes eles identificaram vários recursos narrativos com uma surpreendente intuição para sua multiplicidade de significados.

Exibimos também “Atlântico negro - na rota dos orixás”, de Renato Barbieri, como um exemplo de documentário com narrativa clássica, em que o espectador toma conhecimento do objeto do documentário por meio da voz do locutor. Ao fim deste dia pedimos aos meninos que fizessem um exercício de observação audiovisual. O exercício consistia em observar uma cena em algum lugar que eles escolhessem, podia ser em casa, na escola, na rua. A cena deveria ser contada por meio de imagens e sons para ser entregue por escrito no dia seguinte, o resultado foi muito satisfatório.

No quarto dia de aula convidamos um realizador para conversar com os meninos, queríamos estimular ainda mais neles o pensar como realizadores e também a desmistificar a realização. Na primeira parte da aula exibimos trechos do filme “Notícias de uma guerra particular”, de João Moreira Salles, para ilustrar os recursos de dramatização no documentário: a música, os efeitos sonoros e visuais, a utilização de imagens de telejornal, etc. Na segunda parte, exibimos o filme “Por longos dias”, de Mauro Giuttini e o convidamos para falar.

Além de cineasta, ele também é professor do Curso de Comunicação da Universidade Católica. O filme sobre põe imagens da marcha dos sem terra para Brasília a uma narração de trechos do texto do escritor português José Saramago e alterna imagens em preto e branco e coloridas. Os meninos gostaram muito do filme e fizeram questionamentos surpreendentes, como a pergunta do jovem Davi, de 18 anos, sobre como o diretor havia estabelecido a relação de confiança com os sem terra, um grupo tão visado e marcado pela imprensa.

Em seguida exibimos “Babilônias 2000”, de Eduardo Coutinho, no qual os personagens são muito carismáticos. Trata-se de um filme construído essencialmente pelas entrevistas, centrado na fala dos personagens e foi muito bem aceito pelos alunos. Sua forma, lembrando que eles já estavam pensando como realizadores, pareceu-lhes algo mais simples de executar.

Após a primeira semana de trabalho os resultados foram além de nossas expectativas, todos os jovens se deixaram impregnar pela vontade de realizar algo, pela necessidade de construir um espaço de fala onde eles, agora agentes ativos, poderiam se manifestar por meio da possibilidade de asserção de espectadores quanto à necessidade de mudar determinadas realidades.

Formação técnica

Durante as discussões em torno dos filmes a que assistíamos, assuntos relativos à estética e postura ética, roteiro, planejamento e organização da produção, noções técnicas de captação de imagem e som eram constantemente abordadas. Nas semanas seguintes passamos do trabalho teórico para o prático, todos os jovens puderam conhecer e vivenciar como se desenvolve o processo de realização de um filme.

O resultado final

Os resultados da Oficina de Imagem Popular foram surpreendentes, principalmente se levarmos em consideração que os jovens presentes nesse processo não tinham nenhuma relação anterior com ferramentas e muito menos com a linguagem audiovisual. A noção de participação, que compreendia a coletividade, estava além do processo de produção dos vídeos. A materia-

lização de uma realidade-problema é constantemente elaborada por meio do documentário, a câmera expõe sua crueza e torna sua realidade interessante o suficiente para despertar a capacidade mobilizadora de determinados agentes diante da necessidade de agir.

Os filmes realizados na Oficina sustentavam seu apelo na densidade da situação enfocada: miséria, abandono, esperança, amor, etc. A condição de vida dos moradores das baías comunitárias no Riacho Fundo II é o tema do filme “Cidade dos Cavalos”. O espectador é exposto a imagem de pessoas que vivem com suas famílias e convivem com a miséria e o lixo dividindo o mesmo espaço com os cavalos, em contraponto é apresentada a baía do jôquei clube de Brasília, onde as condições de vida daqueles animais exacerba o espectador quando comparadas à realidade das famílias que vivem nas baías do Riacho Fundo II. O objetivo desse filme era criar certa indignação e promover o incômodo, abrindo espaço para discussão sobre aquela realidade. A situação dramática das pessoas que vivem em um albergue de migrantes é retratada no filme “Albergue - não é o inferno, mas um condomínio ao lado”. Devido à falta de atenção e de políticas organizadas, pessoas de todas as regiões vivem em condições precárias em um albergue de migrantes. Durante o desenvolver do roteiro desse filme, a direção do albergue proibiu a entrada dos jovens nas dependências da instituição sobre o pretexto de que nada haveria para ser mostrado naquele local. “Retratos não registrados” é um filme doce que mostra a realidade daqueles que já estão na terceira idade, seus sonhos e planos para o futuro dão uma lição de vida aos mais jovens. Em uma das apresentações desse filme, em uma escola pública no Riacho Fundo II, uma senhora de terceira idade se emocionou ao assistir os depoimentos dos entrevistados. Por último, o filme “Parque Areal - uma luz no fim do túnel”, denuncia a necessidade de mobilização da comunidade do Areal, quanto à falta de preservação de uma área ambiental. O local onde deveria existir o “Parque Ambiental do Areal” foi totalmente tomado por especuladores que invadiram e fracionaram a área, que é pública, e a transformaram em condomínios. Entre os vários depoimentos fica claro que o desejo da maioria dos moradores daquela região é que o parque

fosse criado, mas a desmobilização daquela comunidade e a falta de vontade política inviabilizam a realização, desse sonho. Esse filme tinha o objetivo de servir como agente motivador e mobilizador, além de ter se tornado um instrumento de denúncia.

Conclusões

Diante dos objetivos do projeto da Oficina de Imagem Popular, pode-se perceber que dos 26 jovens inscritos, contamos com apenas duas desistências e que, os jovens com idade superior a 15 anos demonstraram interesse, participação e dedicação necessários à disposição em interagir com as propostas do projeto.

Talvez um sentimento deva ser destacado em meio ao processo: o desejo de mudança. Todos deram o melhor de si, não há a menor dúvida, e tanto educadores quanto alunos foram agraciados com a experiência de superar as próprias expectativas.

Como já foi dito, a realização da Oficina de Imagem Popular teve como principal intenção possibilitar a jovens de comunidades carentes, normalmente excluídos dos meios de representação e expressão da realidade, a conquista de um espaço de fala. Esse desejo, com certeza, já foi semeado. Nossa intenção agora é propiciar as condições necessárias para, junto com eles, implantar o primeiro Núcleo de Vídeo Comunitário no DF, no Riacho Fundo II.

Sobre o que vem a ser esse espaço de fala, que se concretizaria na forma de Núcleos de Vídeo Comunitários, devemos dizer que pensamos nele como um centralizador das demandas da comunidade possibilitando sua inserção e participação no mundo moderno dando-lhes poder de voz. Não acreditamos em soluções paternalistas, acreditamos, que a solução estará em incentivar valores como autonomia, criatividade, sustentabilidade, trabalho coletivo e solidariedade.